



Um Olhar sobre a Indústria Química Brasileira

A indústria química brasileira teve um faturamento líquido de US\$ 158 bilhões em 2011. Essa cifra coloca o Brasil na sétima posição no *ranking* mundial de fabricantes de produtos químicos.

A química é conhecida mundialmente por sua forte agregação de valor, capilaridade e efeito multiplicador positivo na economia, contribuindo para o desenvolvimento do País. Os produtos fabricados pelo setor têm uma presença marcante, direta e indiretamente, em praticamente todas as cadeias industriais. Por seu poder de transformação, a química está presente nas diversas soluções oferecidas à sociedade, especialmente contribuindo para a melhora da qualidade de vida. Além disso, oferece produtos que vão desde o complexo da saúde, da higiene e beleza, passando pelas possibilidades de melhora do meio ambiente (redução de emissão de CO₂), redução do consumo de energia, construção civil, entre outras. Por essas razões, não há sequer um País desenvolvido que não tenha também uma indústria química forte.

A atividade química é altamente demandante de investimentos em pesquisa e desenvolvimento e seu progresso está diretamente atrelado à inovação. Nos EUA, as inversões médias em P&D são da ordem de 2 a 3% do faturamento líquido. Na Europa, cuja tradição é na produção de especialidades, os investimentos em P&D são ainda maiores, chegando próximo a uma média de 4%. A indústria química brasileira, apesar de realizar grandes esforços, ainda possui uma participação muito pequena das atividades de P&D sobre o faturamento, na média de 0,6%. Porém, há a expectativa de que, em um período de 10 anos, o Brasil eleve esses investimentos a 1,5% do seu faturamento líquido.

Apesar da pujança, da importância e das oportunidades, a indústria química brasileira tem perdido, de forma crescente, participação no atendimento da demanda interna. O Brasil importa, atualmente, produtos de todos os segmentos, inclusive as *commodities*, que poderiam ser produzidas aqui, e os produtos de elevado valor agregado,

como fármacos e defensivos. E o pior, todos os segmentos da química são atualmente deficitários. No início da década de 1990, o déficit era da ordem de US\$ 1,5 bilhão, mas chegou a US\$ 26,9 bilhões em 2011 e as perspectivas não são nada animadoras para este ano, que deverá alcançar novo recorde. As importações representam, hoje, mais de um terço do consumo brasileiro de produtos químicos. No início da década de 90, essa participação não chegava a 7%.

O aumento do volume importado, em detrimento da produção local, não se explica apenas por problemas conjunturais, como a crise mundial (que tem gerado elevados excedentes no mercado internacional) e a apreciação do real em relação ao dólar. A indústria química brasileira tem sido afetada por questões estruturais, que a impedem de produzir em condições de acompanhar o crescimento da demanda interna.

Esse quadro de déficit crescente versus falta de competitividade local levou a Abiquim - Associação Brasileira da Indústria Química, em 2010, a elaborar um documento chamado de “Pacto Nacional da Indústria Química”, que teve como objetivo fazer uma análise da situação da indústria, projetar sua demanda para os próximos anos, além de propor possíveis soluções de melhoria. O estudo tinha como objetivos estratégicos posicionar a química brasileira entre as cinco maiores do mundo até 2020, tornando o País superavitário em produtos químicos e líder em química verde. Conforme conclusões do Pacto, válidas até hoje, a indústria química possui oportunidades que podem atrair investimentos de US\$ 167 bilhões nos próximos 10 anos. Esses investimentos seriam provenientes (a) do crescimento econômico que se espera para o período, (b) da tentativa de recuperar o déficit comercial, elevando substancialmente a parcela exportada e reduzindo as importações dos produtos que o Brasil tem capacidade de ofertar ao mercado, (c) do crescimento na química de base renovável e (d) da agregação de valor às matérias-primas que serão disponibilizadas no futuro próximo, oriundas do Pré-sal.

A realização das oportunidades previstas no Pacto significaria triplicar o nível atual de investimentos no setor. No período recente, a média anual tem sido da ordem de US\$ 4 a US\$ 5 bilhões de investimentos em química. Apesar de expressivo, esse volume é insuficiente para conter e/ou reverter a trajetória de crescimento das importações. Entretanto, para que essas oportunidades possam ser concretizadas, alguns problemas estruturais e específicos da química precisariam ser resolvidos: a) acesso a matérias-primas básicas mais competitivas em preços e com garantia de volumes no longo prazo; b) solução de distorções do sistema tributário, com a desoneração da cadeia produtiva; c) melhoria nas condições da infraestrutura logística, com destaque à distribuição de gás e à disponibilidade de portos, rodovias e outras soluções modais; d) apoio do Estado ao desenvolvimento tecnológico e à inovação; e) facilitação do acesso ao crédito, principalmente por pequenas e médias empresas, visando ao fortalecimento da cadeia produtiva.

O Pacto serviu como base para a elaboração do diagnóstico do setor no Conselho de Competitividade da Química, no âmbito do Plano Brasil Maior. A agenda final da química foi formulada por representantes do governo, dos trabalhadores e da indústria. Todos os principais problemas que afetam o setor foram tratados e para cada um deles foi identificada uma ou mais ações de correção de rumo. As medidas principais caminham na direção de se aumentar o investimento fixo, reduzir custos com a aquisição de matérias-primas, estimular a diversificação da produção química no Brasil, aumentar a capacitação dos recursos humanos, incentivar a produção local de produtos importados, estimular os investimentos em inovação das empresas, incentivar investimentos de produtos químicos de origem renovável, melhorar a infraestrutura para a indústria e aumentar a inserção internacional das empresas brasileiras.

Em um horizonte de médio e longo prazos, o Brasil reúne algumas das principais condições necessárias para ter uma indústria química forte: o tamanho do seu mercado consumidor, a estabilidade econômica e política, empresas maduras e com capacitação técnica, que estão interessadas em realizar investimentos. O Brasil caminha, no médio prazo, para possuir também um dos mais importantes quesitos para alcançar a competitividade nesse segmento, que é uma oferta abundante de matérias-primas básicas. As oportunidades provenientes da exploração de petróleo e de gás natural do Pré-sal e também das novas descobertas de gás *on-shore* colocam o País em uma nova condição, sem precedentes em sua história. Adiciona-se, ainda, a possibilidade de o Brasil explorar recursos provenientes do gás não convencional, como, aliás, já está acontecendo na Bacia do São Francisco. Além das tradicionais matérias-primas, o País desfruta de uma condição favorável também na produção de químicos de fonte renovável.

Entretanto, o Brasil precisa eliminar as travas que existem hoje e dar condições para que a indústria química sobreviva a essa fase de falta de competitividade. O caminho foi muito bem traçado e as propostas já estão na mesa, por meio do Conselho de Competitividade. A indústria espera que a pauta elaborada seja colocada em prática o quanto antes e que o Governo dê os sinais necessários para que os investimentos em química voltem. A volta dos investimentos, por sua vez, representará um reforço nas atividades de inovação das empresas, indispensáveis para garantir o seu futuro. A indústria química poderá se transformar no motor de um renascimento da indústria brasileira.

Pedro Wongtschowski

Presidente da ULTRAPAR, membro do Conselho Consultivo da ABIQUIM e Pesquisador Associado do Núcleo de Política e Gestão Tecnológica da USP



The Brazilian Chemical Industry

The Brazilian chemical industry reached sales of US\$ 158 billions in 2011. Such figure places Brazil in the seventh position in the world ranking of chemical product manufacturers.

The chemical industry is known worldwide for its strong added value, capillarity and positive multiplier effect on the economy, contributing to the development of the country. Chemical products have a strong presence, either direct or indirect, in practically all industrial chains. Based on its transformation power, chemical products are present in the different solutions offered to society, decisively contributing to the improvement of the quality of life. In addition, it offers a range of products that goes from the complex of health and personal care, covering the possibilities of improvement of the environment (CO₂ emission reduction), energy saving, civil construction, among others. That is why there is no developed country without a strong chemical industry.

The chemical industry activity is highly dependent on investments in research and development and its progress is directly related to innovation. In the US, the average investment in R&D is about 2 to 3% of sales. In Europe, specialty chemicals producers invest, in R&D, close to an average of 4%. The Brazilian chemical industry, in spite of its great effort, still invests too little, about 0.6% of sales, in R&D. But the expectation is that, in a 10 year period, Brazil will raise that investment percentage to 1.5% of sales.

Despite its vitality, importance and opportunities, the Brazilian chemical industry has been increasingly losing share in the internal market. Brazil is currently importing all kinds of products, including commodities, which could be produced here and high added-value products, such as pharmaceuticals and agrochemicals. In reality, all chemical industry segments have a high trade deficit. In the early 90's, the deficit was about US\$ 1.5 billion, but it came to US\$ 26.9 billions in 2011 and the prospects for the present year are not optimistic at all, for a new deficit record is expected. Nowadays, importation represents more than a

third of the Brazilian consumption of chemicals. In the early 90's, it represented less than 7%.

The increase of the amount imported, detrimental to the local production, can not be explained only by circumstantial problems, such as the world crisis, which has generated a large surplus in the international market or the real appreciation in relation to dollar. The Brazilian chemical industry has been affected by structural problems, which prevent it from benefiting with the increase of the domestic demand.

Such increasing deficit scenario and the lack of local competitiveness led the Brazilian Chemical Industry Association – Abiquim, in 2010, to prepare a document called “National Pact of the Chemical Industry”, with the objective to analyze the situation of the industry, to project its demand for the following years and to propose possible solutions. Its strategic goals were to have Brazilian chemistry among the five greatest in the world till 2020, turning Brazil into a surplus country in chemicals and a leader in green chemistry. According to the Pact conclusions, valid to this day, the chemical industry could be able to attract investments of US\$ 167 billions over the next 10 years. Such investments would result from (a) the economic growth expected for the period, (b) the attempt to overcome the trade deficit, by substantially increasing exports while reducing the imports of products Brazil can offer to the market, (c) the growth of the renewable-basis chemistry and (d) the addition of value to the raw-material that will be available in the near future, due to the Pre-salt.

The fulfillment of the Pact foreseen opportunities would require the triple of the current level of investments in the sector. The annual average of investments in chemistry has lately been about US\$ 4 to 5 billions. Though substantial, such amount is insufficient to contain and reverse the progression of importations. However, to have those opportunities fulfilled, some structural and specific chemical industry problems would have to be solved: (a) the access to more competitive basic raw-materials; (b)

the tax system distortions, with tax reductions for all the productive chain; (c) the conditions of the infrastructure logistics, with emphasis on the gas distribution and the availability of ports, highways and other modal solutions; (d) the State support to the technological development and to innovation; (e) the access to credit, mainly for small and medium-sized companies, in order to strengthen the productive chain.

The Pact has served as a basis for the diagnosis of the sector by the “Chemistry Competitiveness Council” for the “Plano Brasil Maior”. The final agenda for the chemical industry was formulated by Government representatives, workers and industry. All the main problems affecting the sector were treated and for each of them one or more correction actions were identified. The main measures aim at increasing the fixed investment, reducing the costs of raw-materials, encouraging the diversification of the chemical production in Brazil, increasing the qualification of the human resources, stimulating the local production of imported products, encouraging companies to invest in innovation as well as in renewable-basis chemical products, improving the industrial infrastructure and increasing the international presence of Brazilian companies.

In a medium-and-long-term horizon, Brazil presents some of the main conditions to have a strong chemical industry: the size of its market, economic and political stability, strong companies, technically qualified and interested in investing. In the medium term, Brazil is

achieving one of the most important conditions to become competitive in this sector, that is, an abundant supply of basic raw-materials. The opportunities brought by the Pre-salt oil and Pre-salt natural gas exploration as well as the recent discovery of on-shore gas, places Brazil in a new condition, unprecedented in its history. In addition, Brazil can still explore unconventional gas resources, which, is already happening in the São Francisco Basin. Besides the traditional raw-materials, Brazil is in a favorable situation concerning the production of renewable-source chemicals.

However, Brazil needs to eliminate the existing obstacles so that the chemical industry can overcome the current lack of competitiveness. The path has been very well traced and the proposals are already known through the action of the Competitiveness Council. The industry hopes that the agenda presented to be put in practice as soon as possible and that the Government gives the necessary signals so that investments in the chemical industry return, which will in turn reinforce the companies’ investments in innovation, something indispensable to ensure their future. Chemical industry can come to be the engine of the Brazilian industry rebirth.

Pedro Wongtschowski

President of ULTRAPAR, member of the Consulting Board of ABIQUIM and Associate Researcher of the “Núcleo de Política e Gestão Tecnológica” from the University of São Paulo (USP)